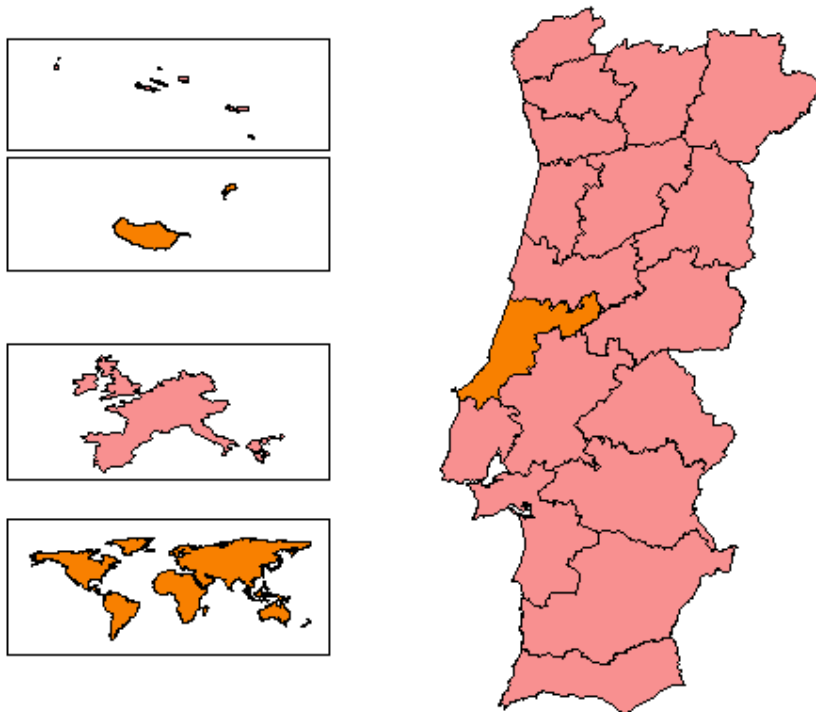


Diz-me onde votas, dir-te-ei quanto vales



Crédito da imagem: Comissão Nacional de Eleições (CNE)

Estudo sobre as Legislativas 2005
efectuado por Luís Humberto Teixeira,
autor do livro “Reciclemos o sistema eleitoral!”

Setúbal, 12 de Março de 2005

Introdução

Um círculo em que 96.000 votos elegem três deputados, enquanto noutro bastam 91.000 para eleger cinco...

Um deputado eleito com pouco mais de 16.000 votos, quando outro fica fora do Parlamento obtendo 22.000...

Uma Assembleia da República que teria idêntica composição mesmo que mais de 880.000 votos não tivessem sido colocados nas urnas...

Estes são alguns dos factos com que me deparei ao estudar os resultados das eleições legislativas de 20 de Fevereiro de 2005 e que decidi partilhar numa linguagem simples para alcançar o maior número possível de cidadãos.

Começarei por explicar em traços gerais a actual forma de eleição de deputados para a Assembleia da República, passando depois para a análise propriamente dita, com base nos dados do mapa oficial, disponível em www.cne.pt/Eleicoes/dlfiles/resultados_ar2005.pdf.

Pelo meio avançarei propostas de resolução para os vários problemas encontrados, sempre que possível sem ter de proceder a alterações na Constituição da República Portuguesa (CRP), facto que tornaria o processo mais complicado e moroso.

A estrutura deste estudo inspira-se bastante na do livro “Reciclemos o sistema eleitoral!”, publicado em Junho de 2003 e escrito com base numa análise aos dados das Legislativas 2002.

Quaisquer críticas, sugestões, dúvidas ou comentários podem ser colocados no site www.sistemadeleitoral.com ou ser enviados para o e-mail autor@sistemadeleitoral.com.

Com os votos de uma leitura agradável, crítica e atenta,

Luís Humberto Teixeira

1. Como funciona o sistema?

A eleição de deputados para a Assembleia da República (AR) divide-se por 22 círculos eleitorais plurinominais, aos quais concorrem listas apresentadas por partidos e compostas pelos nomes de vários candidatos.

Esses círculos coincidem com os 18 distritos de Portugal Continental, as duas Regiões Autónomas (Açores e Madeira) e contemplam ainda duas circunscrições para os emigrantes portugueses espalhados pelo mundo.

O número de mandatos a atribuir a cada um destes círculos é definido pela Comissão Nacional de Eleições (CNE) cerca de dois meses antes de cada acto eleitoral. As únicas excepções são os círculos da emigração, aos quais por lei são atribuídos quatro deputados, dois pelo círculo da Europa e dois pelo círculo de Fora da Europa.

Essa distribuição prévia dos mandatos tem por base o número de inscritos nos cadernos de recenseamento eleitoral e é feita segundo o método da média mais alta de Hondt. O mesmo cálculo matemático é aplicado após as eleições para a conversão dos votos em mandatos (para saber mais sobre o método de Hondt consulte www.stape.pt/hondt/hondt_nt.htm).

Como todos os sistemas eleitorais, aquele que temos também tenta encontrar o ponto de equilíbrio entre governabilidade, proporcionalidade e representatividade, e só haverá motivos para o pôr em causa se algum destes pilares evidenciar fragilidades.

Ora, as sondagens que revelam baixa confiança das pessoas nos políticos e nas instituições, a taxa de abstenção e as percentagens de votos brancos ou nulos – foram, respectivamente, a sexta e sétima “força política” nas Legislativas 2005 – são exemplos de como parte importante do eleitorado não se revê no sistema, o que denota uma falha na representatividade.

Do mesmo modo, existe um problema de proporcionalidade que é levantado e explicado em detalhe nos comentários de Maria de Fátima Abrantes Mendes e Jorge Miguéis à quarta reedição da Lei Eleitoral da Assembleia da República, disponibilizada pela CNE no endereço www.cne.pt/Legislacao/dlfiles/legis_lear_2005_annotada.pdf.

Ora, estando em crise dois dos três pilares que deveriam sustentar o sistema, o ideal é analisar quais os problemas concretos a que é preciso dar resposta, de modo a “reciclar” o sistema eleitoral da melhor forma possível.

2. Mais votos nem sempre implicam mais deputados

A lógica diz-nos que quem tem mais votos deverá ter maior número de deputados. Porém, nem sempre é isso que acontece... e as Legislativas 2005 deram-nos dois exemplos de como o sistema eleitoral actual pode criar injustiças entre eleitores de diferentes círculos e entre eleitores de diferentes partidos.

2.1 Círculos com mais votos... mas menos deputados

Aquando da distribuição dos mandatos de deputado, a CNE atribuiu cinco aos Açores, quatro à Guarda e três a Évora. Tudo decorreu da forma habitual e legalmente estabelecida, sem qualquer razão para contestações.

Porém, uma análise aos resultados mostra-nos que para eleger os cinco deputados dos Açores bastaram 91.315 votantes, ao passo que os três de Évora exigiram 96.509 votos e os quatro da Guarda foram definidos por um total de 101.056 eleitores.

Ou seja, comparando com os Açores, mais 5.194 votos em Évora valeram menos dois deputados... e mais 9.741 votos na Guarda valeram menos um deputado.

Esta situação já tinha ocorrido nas Legislativas 2002 com estes mesmos três círculos e ainda com Bragança. Nessa altura, só para se ter uma ideia, 84.648 votantes elegeram quatro deputados por Bragança, mas foram precisos 100.909 para eleger iguais quatro pela Guarda. Já 89.808 elegeram cinco pelos Açores, enquanto 91.020 só conseguiram três por Évora.

Ou seja, Évora teve mais votantes mas menos deputados do que os Açores e Bragança, e a Guarda teve menos um deputado do que os Açores, apesar de ter 11.101 votos a mais.

Não se pense, porém, que esta é uma situação exclusiva dos círculos de pequena dimensão. Em 1995 passou-se o mesmo entre Setúbal e Braga, dois círculos de grande dimensão: 432.955 votos elegeram 17 deputados por Setúbal, enquanto em Braga 452.981 só tiveram direito a 16. Isto é, mais 20.026 votos mas menos um deputado para Braga.

2.2 Partidos com mais votos... mas menos deputados

Como acima referi, as desigualdades não afectam só os círculos, mas também os partidos. Nos dois círculos da Emigração, o PSD elegeu três deputados e o PS apenas um. Mas somando os resultados dos dois partidos, vemos que o PS conquistou 16.280 votos e o PSD teve 14.149. Ou seja, com menos 2.131 votos do que os socialistas, o PSD recebeu o triplo dos deputados!

Na sua ilógica, este facto assemelha-se a uma situação vivida nas Legislativas de 1980 e que envolveu o PS, o POUS/PST e a UDP.

Nos 18 círculos de Portugal Continental os socialistas integraram a coligação FRS, mas optaram por concorrer sozinhos por Açores, Madeira, Europa e Fora da Europa, conquistando aí 67.081 votos, que lhes deram três parlamentares.

Por seu turno, o POUS/PST, que concorreu em todos os círculos, não elegeu ninguém apesar de somar 83.095 votos, ao passo que a UDP, que também se apresentou em todo o lado, teve 83.204 votos, com os quais só elegeu um deputado, por Lisboa, e praticamente à tangente.

Ou seja, a UDP teve mais 16.123 votos do que o PS mas uma representação três vezes inferior, e o POUS/PST superou os socialistas em 16.014 votos mas não entrou no Parlamento.

2.3 Porque é que isto acontece?

No caso abordado em 2.1, as injustiças devem-se, em parte, à distribuição prévia dos mandatos pelos círculos com base em cadernos eleitorais inflacionados.

Em declarações ao Jornal de Notícias (JN) por ocasião das Presidenciais 2001, o então subdirector-geral do Secretariado Técnico dos Assuntos para o Processo Eleitoral (STAPE), Jorge Silva, admitiu que Portugal teria cerca de meio milhão de “eleitores fantasma”.

O mesmo responsável frisava que não se podia saber o número exacto porque o STAPE dependia de terceiros – como as comissões recenseadoras locais – para corrigir os seus dados.

Na mesma notícia, fonte do STAPE contactada pelo JN reconhecia que as comissões recenseadoras locais têm «uma certa vantagem» em não eliminar os “fantasmas”, dado que o inflacionamento dos cadernos poderá induzir a CNE a atribuir a determinado círculo mais mandatos do que a sua população eleitora efectiva justifica.

Ora, enquanto a CNE distribuir previamente os mandatos com base em valores de difícil controlo e fáceis de manipular, estas injustiças vão continuar a acontecer. Por isso é fundamental neutralizar o efeito dos “eleitores fantasma”, torná-los irrelevantes.

2.4 Implementar um círculo nacional

A solução que defendo para este problema é a instituição de um círculo nacional com um número de mandatos fixo, o que tornaria desprezável a presença de “eleitores fantasma” nos cadernos, dado que a CNE deixaria de precisar destes para dividir os mandatos pelos círculos.

Acabando com os círculos plurinominais actuais resolvíamos ainda o problema indicado em 2.2, que resulta da dispersão dos votos por vários círculos, o que acaba por os tornar inúteis.

Esta solução é permitida por lei, pelo que só precisa de vontade política para ser aplicada.

3. Diz-me onde votas, dir-te-ei quanto vales

Outra das razões para acabar com os actuais círculos plurinominais é que eles contrariam, em certa medida, o princípio da igualdade de voto, que consiste no «igual peso numérico e igual valor quanto ao resultado» de todos os eleitores.

É que o número de votos necessários para eleger um deputado nas Legislativas 2005 variou entre 3.891 votos pelo círculo de Fora da Europa e 23.198 pelo círculo do Porto. Uma diferença substancial, convenhamos.

A título de exemplo, confrontem-se círculos tão próximos quanto Viana do Castelo e Braga. Enquanto 16.205 vianenses elegeram Abel Baptista (CDS-PP), 22.179 bracarenses não foram suficientes para colocar Pedro Soares na bancada do BE.

Ora, se todos os deputados têm o mesmo peso aquando das votações no hemiciclo, porque é que uns precisam de mais votos para serem eleitos do que outros? E porque é que a AR possui 22 grupos de deputados suportados por pesos eleitorais distintos?

Esta situação só prova que, na prática, os eleitores não valem todos o mesmo, uma vez que o seu peso depende do círculo onde estão recenseados. É caso para dizer: diz-me onde votas, dir-te-ei quanto vales...

Para se ter uma noção das diferenças de peso, segue-se um quadro com o número de votos que elegeram deputados nas Legislativas 2005 em cada um dos círculos. O valor apresentado é um arredondamento por defeito da última série de Hondt que resultou num mandato.

NÚMERO DE VOTOS NECESSÁRIOS PARA ELEGER UM DEPUTADO					
	Círculo	Votos		Círculo	Votos
1	Porto	23.198	12	Viseu	18.477
2	Lisboa	22.762	13	Vila Real	18.374
3	Braga	22.606	14	Guarda	17.546
4	Setúbal	21.683	15	Castelo Branco	17.448
5	Beja	21.036	16	Faro	16.428
6	Évora	20.120	17	Madeira	16.374
7	Aveiro	19.994	18	Viana do Castelo	16.205
8	Leiria	19.848	19	Bragança	16.064
9	Santarém	19.532	20	Açores	15.692
10	Portalegre	19.369	21	Europa	6.366
11	Coimbra	18.507	22	Fora da Europa	3.891

4. Um em cada seis votos foi inútil

Ora, se 22.179 votos no BE por Braga não elegeram ninguém, pode-se dizer que foram inúteis, pois não tiveram qualquer concretização prática. Mesmo que esses votos não tivessem sido colocados nas urnas, a composição da AR seria exactamente a mesma.

Fazendo um cálculo a nível nacional, vemos que o total destes votos inúteis ascendeu a 881.990, o que corresponde a 15,81% dos votos em partidos, ou seja, cerca de um em cada seis votos que tinha por intenção eleger alguém.

De seguida vou fazer uma análise círculo a círculo e partido a partido e explicarei como se obtém o número de votos inúteis, tomando Aveiro como exemplo.

4.1 Votos inúteis círculo a círculo

4.1.1 Círculo de Aveiro

Primeiro recorremos à última série de Hondt que atribuiu mandato pelo círculo – 19.994,375 –, correspondente à divisão dos votos do PS por 8.

Depois multiplicamos esse valor pelo número de mandatos de cada partido. No caso do PSD, que elegeu seis deputados, a multiplicação dá 119.966,25. Como este não é um valor inteiro, arredondamos por excesso, ficando com 119.967, que corresponde ao número de votos com que o PSD teria eleito os mesmos seis deputados.

A esse valor subtraímos todos os votos obtidos – 139.109 – e assim ficamos com o total de votos inúteis: 19.142, o que corresponde a 13,76% dos votos no PSD em Aveiro.

CÍRCULO DE AVEIRO				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	159.955	8	0	0%
PPD/PSD	139.109	6	19.142	13,76%
CDS-PP	38.001	1	18.006	47,38%
BE	19.846	0	19.846	100%
CDU	13.809	0	13.809	100%
PND	3.543	0	3.543	100%
PCTP/MRPP	2.370	0	2.370	100%
PH	1.092	0	1.092	100%
PNR	768	0	768	100%
TOTAL	378.493	15	78.576	20,76%

Analisando esta tabela verificamos que PPD/PSD, CDS-PP e BE tiveram mais de 18.000 votos inúteis, o que foi suficiente para eleger deputados em círculos como o da Guarda ou o de Faro. O caso mais flagrante é o do BE, que caso tivesse tido mais 149 votos teria eleito Andrea Peniche, em detrimento do oitavo deputado do PS, partido que não desperdiçou votos aqui.

No total, o círculo de Aveiro teve 78.576 votos inúteis, o que corresponde a 20,76% dos votos em partidos (ou seja, excluindo votos em branco e nulos). Portanto, um em cada cinco eleitores votou em vão.

4.1.2 Círculo de Beja

Em Beja, 22.311 votos foram inúteis, o que corresponde a 26,12%. Isto representa um em cada quatro eleitores. Aqui, a CDU foi a força que aproveitou todos os votos que recebeu.

CÍRCULO DE BEJA				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	44.556	2	2.484	5,58%
CDU	21.036	1	0	0%
PPD/PSD	10.730	0	10.730	100%
BE	4.144	0	4.144	100%
CDS-PP	2.562	0	2.562	100%
PCTP/MRPP	1.632	0	1.632	100%
PND	350	0	350	100%
POUS	212	0	212	100%
PNR	197	0	197	100%
TOTAL	85.419	3	22.311	26,12%

4.1.3 Círculo de Braga

Como já foi dito, em Braga o BE ficou à porta da Assembleia da República e, deste modo, viu serem inúteis os 22.179 votos nele depositados pelos eleitores. Com mais 428 votos o cabeça-de-lista Pedro Soares teria sido eleito.

É ainda de destacar a inutilidade de mais de 15.000 votos no PS e no CDS-PP. No extremo oposto, a CDU teve pouquíssimos votos inúteis, ao contrário do que aconteceu nas Legislativas 2002, quando, neste mesmo círculo, recebeu 19.808 votos que não elegeram qualquer deputado.

No total, o círculo de Braga teve 63.791 votos inúteis, o que corresponde a 13,55% (cerca de um em cada sete votantes).

CÍRCULO DE BRAGA				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	218.665	9	15.208	6,95%
PPD/PSD	158.244	7	0	0%
CDS-PP	37.618	1	15.011	39,9%
CDU	22.988	1	381	1,66%
BE	22.179	0	22.179	100%
PND	4.422	0	4.422	100%
PCTP/MRPP	3.688	0	3.688	100%
PH	1.317	0	1.317	100%
POUS	865	0	865	100%
PNR	720	0	720	100%
TOTAL	470.706	18	63.791	13,55%

4.1.4 Círculo de Bragança

Como é regra nos círculos de pequena dimensão, em Bragança apenas dois partidos – PS e PSD – não deram por inútil a totalidade dos seus votos. O PSD até os aproveitou todos.

No global, o círculo de Bragança teve 15.857 votos inúteis, o que corresponde a 19,79% (cerca de um em cada cinco votantes).

CÍRCULO DE BRAGANÇA				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	34.699	2	2.570	7,41%
PPD/PSD	32.129	2	0	0%
CDS-PP	7.964	0	7.964	100%
BE	2.044	0	2.044	100%
CDU	1.679	0	1.679	100%
PND	623	0	623	100%
PCTP/MRPP	456	0	456	100%
PH	264	0	264	100%
PNR	257	0	257	100%
TOTAL	80.115	4	15.857	19,79%

4.1.5 Círculo de Castelo Branco

Em Castelo Branco registaram-se 33.874 votos inúteis, 27,97% do total, o que representa um em cada quatro votos.

O maior destaque vai para os 15.791 votos depositados em vão no PPD/PSD e que correspondem a quase metade da votação na lista que era encabeçada por Morais Sarmiento.

CÍRCULO DE CASTELO BRANCO				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	69.795	4	0	0%
PPD/PSD	33.240	1	15.791	47,51%
CDS-PP	6.590	0	6.590	100%
CDU	4.678	0	4.678	100%
BE	4.660	0	4.660	100%
PCTP/MRPP	947	0	947	100%
PND	619	0	619	100%
PH	326	0	326	100%
PNR	263	0	263	100%
TOTAL	121.118	5	33.874	27,97%

4.1.6 Círculo de Coimbra

Em Coimbra, o facto de apenas PS e PSD terem obtido mandatos fez com que as votações elevadas de BE, CDU e CDS-PP fossem inutilizadas. Só aí perdeu-se a intenção de 42.272 votantes, equivalente a cerca de 18% do total de votos em partidos neste círculo.

No total foram 50.507 votos inúteis, o que representa 21,44% (um em cada cinco).

CÍRCULO DE COIMBRA				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	111.042	6	0	0%
PPD/PSD	78.062	4	4.034	5,17%
BE	15.444	0	15.444	100%
CDU	13.463	0	13.463	100%
CDS-PP	13.365	0	13.365	100%
PCTP/MRPP	1.551	0	1.551	100%
PND	1.285	0	1.285	100%
PH	664	0	664	100%
POUS	360	0	360	100%
PNR	341	0	341	100%
TOTAL	235.577	10	50.507	21,44%

4.1.7 Círculo de Évora

Mais de um terço dos votos por Évora foi em vão. É este o facto mais forte que ressalta da análise da tabela, onde nos surgem 34.066 votos inúteis (36,08%). Tal deve-se em grande parte à não eleição de Maria João Bustorff, cabeça-de-lista pelo PSD, o que tornou inúteis 15.977 votos.

CÍRCULO DE ÉVORA				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	48.082	2	7.842	16,31%
CDU	20.120	1	0	0%
PPD/PSD	15.977	0	15.977	100%
BE	4.401	0	4.401	100%
CDS-PP	3.594	0	3.594	100%
PCTP/MRPP	1.309	0	1.309	100%
PND	398	0	398	100%
PH	317	0	317	100%
PNR	124	0	124	100%
POUS	104	0	104	100%
TOTAL	94.426	3	34.066	36,08%

4.1.8 Círculo de Faro

No Algarve houve 61.669 votos inúteis, quase um em cada três (31,94%). Destacam-se os desperdícios superiores a 11.500 votos que afectaram PSD, BE, CDU e CDS-PP.

CÍRCULO DE FARO				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	98.570	6	0	0%
PPD/PSD	49.101	2	16.244	33,08%
BE	15.316	0	15.316	100%
CDU	13.835	0	13.835	100%
CDS-PP	11.537	0	11.537	100%
PCTP/MRPP	1.720	0	1.720	100%
PND	1.567	0	1.567	100%
PH	947	0	947	100%
PNR	503	0	503	100%
TOTAL	193.096	8	61.669	31,94%

4.1.9 Círculo da Guarda

A Guarda teve 27.697 votos inúteis, o que representa 28,3%, ou seja, um em cada quatro votos que foram colocados nas urnas.

CÍRCULO DA GUARDA				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	47.290	2	12.198	25,79%
PPD/PSD	35.092	2	0	0%
CDS-PP	7.035	0	7.035	100%
BE	3.452	0	3.452	100%
CDU	2.969	0	2.969	100%
PCTP/MRPP	673	0	673	100%
PND	661	0	661	100%
PH	372	0	372	100%
PNR	337	0	337	100%
TOTAL	97.881	4	27.697	28,3%

4.1.10 Círculo de Leiria

Em Leiria foram inúteis 41.770 votos colocados nas urnas (17,39%), o que corresponde à escolha de um em cada seis votantes.

CÍRCULO DE LEIRIA				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PPD/PSD	99.244	5	0	0%
PS	88.623	4	9.227	10,41%
CDS-PP	22.043	1	2.194	9,95%
BE	13.788	0	13.788	100%
CDU	11.423	0	11.423	100%
PND	1.867	0	1.867	100%
PCTP/MRPP	1.485	0	1.485	100%
PH	747	0	747	100%
POUS	574	0	574	100%
PNR	465	0	465	100%
TOTAL	240.259	10	41.770	17,39%

4.1.11 Círculo de Lisboa

Como seria de esperar, o maior círculo do país teve a menor percentagem de votos inúteis: 4,88%, que correspondem a 55.999 votos.

Isto representa um em cada vinte eleitores, uma relação bastante distante da dos outros círculos até agora analisados. É curioso notar que, apesar de ter seis vezes mais eleitores, Lisboa teve menor número de votos inúteis do que o círculo de Faro.

Dos partidos que alcançaram representação parlamentar por Lisboa, o mais prejudicado foi o BE, que viu inutilizados 12.894 dos votos que recebeu do eleitorado, o que representa 12,4% da sua votação total neste círculo.

CÍRCULO DE LISBOA				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	523.537	23	0	0%
PPD/PSD	280.697	12	7.547	2,69%
CDU	115.709	5	1.869	1,64%
BE	103.944	4	12.894	12,4%
CDS-PP	97.659	4	6.609	6,77%
PCTP/MRPP	10.985	0	10.985	100%
PND	7.203	0	7.203	100%
PH	3.583	0	3.583	100%
PNR	2.721	0	2.721	100%
POUS	1.424	0	1.424	100%
PDA	1.137	0	1.137	100%
TOTAL	1.148.599	48	55.999	4,88%

4.1.12 Círculo de Portalegre

Devido à existência de apenas dois mandatos, que foram ganhos pelo PS, em Portalegre deu-se o caso curioso de todos os votos num partido terem sido aproveitados e todos os votos nas restantes forças terem sido completamente inúteis. O nosso sistema proporcional teve aqui o mesmo efeito que um sistema maioritário, dada a diminuta dimensão do círculo.

Em termos absolutos, foram desperdiçados os votos de 30.226 eleitores (43,83% do total, a maior percentagem de votos inúteis destas Legislativas).

CÍRCULO DE PORTALEGRE				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	38.739	2	0	0%
PPD/PSD	14.290	0	14.290	100%
CDU	8.546	0	8.546	100%
BE	3.216	0	3.216	100%
CDS-PP	2.988	0	2.988	100%
PCTP/MRPP	618	0	618	100%
PND	239	0	239	100%
PH	203	0	203	100%
PNR	126	0	126	100%
TOTAL	69.965	2	30.226	43,83%

4.1.13 Círculo do Porto

Em termos não de percentagem mas de número de votos, o Porto foi o círculo com o maior número de sufrágios inúteis: 92.219. No entanto, dada a grande dimensão do círculo, isso apenas corresponde a 9,47%, ou seja, cerca de um em cada onze escrutínios.

Tal deveu-se em grande parte à inutilidade de quase um terço dos votos no CDS-PP (32,59%) e no BE (30,66%). No extremo oposto, o PSD aproveitou tudo o que recebeu.

De registar ainda os 22.006 votos em excesso no PS, correspondentes a 4,53%, e os 7.885 votos na CDU, que representaram 14,53% da votação desta coligação no Porto.

CÍRCULO DO PORTO				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	485.975	20	22.006	4,53%
PPD/PSD	278.381	12	0	0%
CDS-PP	68.824	2	22.427	32,59%
BE	66.912	2	20.515	30,66%
CDU	54.282	2	7.885	14,53%
PCTP/MRPP	8.241	0	8.241	100%
PND	7.675	0	7.675	100%
PH	2.436	0	2.436	100%
POUS	1.034	0	1.034	100%
TOTAL	973.760	38	92.219	9,47%

4.1.14 Círculo de Santarém

Em Santarém registaram-se 50.645 votos inúteis, 20,59% do total (um em cada cinco). Destaque para os 17.607 votos em vão no CDS-PP e para os 16.590 no BE.

CÍRCULO DE SANTARÉM				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	117.193	6	0	0%
PPD/PSD	67.021	3	8.424	12,57%
CDU	21.879	1	2.346	10,72%
CDS-PP	17.607	0	17.607	100%
BE	16.590	0	16.590	100%
PCTP/MRPP	2.328	0	2.328	100%
PND	1.678	0	1.678	100%
PH	770	0	770	100%
PNR	511	0	511	100%
POUS	391	0	391	100%
TOTAL	245.968	10	50.645	20,59%

4.1.15 Círculo de Setúbal

Em Setúbal registaram-se 47.540 votos inúteis, 11,42% do total (um em cada nove). Das forças que obtiveram representação parlamentar, a mais prejudicada foi a CDU, que se deparou com a inutilidade de 23,88% da sua votação, correspondente a 20.403 votos. E foi por pouco mais de mil votos que comunistas e ecologistas perderam o quarto deputado...

CÍRCULO DE SETÚBAL				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	186.365	8	12.901	6,92%
CDU	85.452	3	20.403	23,88%
PPD/PSD	68.695	3	3.646	5,31%
BE	43.862	2	496	1,13%
CDS-PP	21.683	1	0	0%
PCTP/MRPP	5.356	0	5.356	100%
PND	2.109	0	2.109	100%
PH	1.152	0	1.152	100%
PNR	906	0	906	100%
POUS	571	0	571	100%
TOTAL	416.151	17	47.540	11,42%

4.1.16 Círculo de Viana do Castelo

Em Viana do Castelo, a eleição do deputado do CDS-PP inutilizou indirectamente muitos dos votos nos dois partidos mais votados, algo pouco habitual em círculos desta dimensão.

No total verificaram-se 41.353 votos inúteis (29,84%), sendo que perto de dois terços deles ficaram à responsabilidade do PSD (15.235 votos) e do PS (11.061).

CÍRCULO DE VIANA DO CASTELO				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	59.676	3	11.061	18,54%
PPD/PSD	47.645	2	15.235	31,98%
CDS-PP	16.205	1	0	0%
BE	6.415	0	6.415	100%
CDU	5.632	0	5.632	100%
PND	1.159	0	1.159	100%
PCTP/MRPP	1.002	0	1.002	100%
PH	586	0	586	100%
PNR	263	0	263	100%
TOTAL	138.583	6	41.353	29,84%

4.1.17 Círculo de Vila Real

Com 30.670 votos inúteis (um em cada quatro), o círculo de Vila Real foi um dos nove em que o PS não perdeu qualquer voto. O mesmo não pode dizer o PSD, que até podia prescindir de 13.796 escrutínios aqui obtidos sem com isso pôr em causa os dois deputados que conquistou.

CÍRCULO DE VILA REAL				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	55.123	3	0	0%
PPD/PSD	50.545	2	13.796	27,29%
CDS-PP	8.509	0	8.509	100%
CDU	3.275	0	3.275	100%
BE	3.019	0	3.019	100%
PND	631	0	631	100%
PCTP/MRPP	562	0	562	100%
PH	507	0	507	100%
PNR	207	0	207	100%
PDA	164	0	164	100%
TOTAL	122.542	5	30.670	25,03%

4.1.18 Círculo de Viseu

A eleição de Anacoreta Correia pelo CDS-PP fez com que mais de 14% da votação de PS e PSD pelo círculo de Viseu fosse inútil. Em termos quantitativos, isto correspondeu a cerca de 12.000 votos prescindíveis para cada um daqueles partidos.

De resto, neste círculo registaram-se 40.629 votos inúteis, o que corresponde a 19,63% do total (um em cada cinco).

CÍRCULO DE VISEU				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	86.497	4	12.589	14,55%
PPD/PSD	86.002	4	12.094	14,06%
CDS-PP	18.477	1	0	0%
BE	7.149	0	7.149	100%
CDU	4.792	0	4.792	100%
PND	1.537	0	1.537	100%
PCTP/MRPP	1.038	0	1.038	100%
PH	996	0	996	100%
PNR	434	0	434	100%
TOTAL	206.922	9	40.629	19,63%

4.1.19 Círculo dos Açores

Para um círculo da sua dimensão, os Açores nem sequer tiveram muitos votos inúteis. Foram 10.917, correspondentes a 12,21% (um em cada oito). Tal ocorreu devido à divisão de quase 90% dos votos entre PS e PSD.

CÍRCULO DOS AÇORES				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	48.528	3	1.450	2,99%
PPD/PSD	31.385	2	0	0%
CDS-PP	3.675	0	3.675	100%
BE	2.636	0	2.636	100%
CDU	1.575	0	1.575	100%
PND	691	0	691	100%
PCTP/MRPP	425	0	425	100%
PDA	317	0	317	100%
PNR	148	0	148	100%
TOTAL	89.380	5	10.917	12,21%

4.1.20 Círculo da Madeira

Para os 38.279 votos inúteis da Madeira muito contribuiu a igualdade de mandatos entre PS e PSD, uma vez que o partido de Alberto João Jardim teve 14.401 votos em excesso, pois não foram suficientes para alcançar o quarto mandato.

Percentualmente, foram inúteis 28,04% dos votos, ou seja, um em cada quatro.

CÍRCULO DA MADEIRA				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PPD/PSD	63.523	3	14.401	22,67%
PS	49.122	3	0	0%
CDS-PP	9.215	0	9.215	100%
BE	5.265	0	5.265	100%
CDU	4.991	0	4.991	100%
PND	1.880	0	1.880	100%
PCTP/MRPP	1.624	0	1.624	100%
PH	903	0	903	100%
TOTAL	136.523	6	38.279	28,04%

4.1.21 Círculo da Europa

Por apenas cinco votos o PS não conquistou aqui o mandato do PSD. Esta foi a diferença mínima pela qual um candidato não foi eleito e implicou o desperdício de 6.362 votos, quase metade da votação dos socialistas na Europa. No total registaram-se 8.996 votos inúteis (41,4%).

CÍRCULO DA EUROPA				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	12.728	1	6.362	49,98%
PPD/PSD	6.366	1	0	0%
CDU	973	0	973	100%
CDS-PP	794	0	794	100%
BE	535	0	535	100%
PCTP/MRPP	148	0	148	100%
PND	124	0	124	100%
PNR	60	0	60	100%
TOTAL	21.728	2	8.996	41,4%

4.1.22 Círculo de Fora da Europa

Sem um número de votos por aí além, o PSD arrebatou os dois únicos mandatos atribuídos por lei ao círculo de Fora da Europa, inutilizando os 4.399 votos noutros partidos (36,11%).

CÍRCULO DE FORA DA EUROPA				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PPD/PSD	7.783	2	0	0%
PS	3.552	0	3.552	100%
CDS-PP	470	0	470	100%
CDU	137	0	137	100%
PND	97	0	97	100%
BE	92	0	92	100%
PCTP/MRPP	28	0	28	100%
PNR	23	0	23	100%
TOTAL	12.182	2	4.399	36,11%

Antes de passar adiante, eis a tabela com o total nacional de votos inúteis por partido:

TOTAL NACIONAL DE VOTOS INÚTEIS POR PARTIDO				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	2.588.312	121	119.450	4,61%
PPD/PSD	1.653.261	75	171.351	10,36%
CDU	433.243	14	124.688	28,78%
CDS-PP	416.415	12	160.152	38,46%
BE	364.909	8	184.096	50,45%
PCTP/MRPP	48.186	0	48.186	100%
PND	40.358	0	40.358	100%
PH	17.182	0	17.182	100%
PNR	9.374	0	9.374	100%
POUS	5.535	0	5.535	100%
PDA	1.618	0	1.618	100%
TOTAL	5.578.393	230	881.990	15,81%

4.2 Votos inúteis partido a partido

4.2.1 PS

De todos os partidos com representação parlamentar, o PS foi o que menos votos inúteis recebeu: 119.450, correspondentes a 4,61% da sua votação total.

Para tal, muito contribuiu o aproveitamento de todos os votos em nove círculos: Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Faro, Lisboa, Portalegre, Santarém, Vila Real e Madeira.

Dos círculos em que o PS recebeu votos inúteis destacaria o de Fora da Europa (em que nem um se aproveitou), o da Europa (em que 49,98% dos votos não teve utilidade), o do Porto (em que o total de votos inúteis foi superior a 22.000) e o de Braga (com 15.208 votos inúteis).

4.2.2 PPD/PSD

Em termos absolutos, o PPD/PSD foi a segunda força com mais votos inúteis, logo atrás do BE. Foram 171.351 votos que não elegeram ninguém, 10,36% do total de votos no partido.

Dos vários círculos em que se registaram votos inúteis no PSD destacaria Aveiro (com 19.142), Évora (onde o partido não elegeu ninguém com os 15.977 votos obtidos), Portalegre (em que deu como inúteis os 14.290 votos conquistados), Castelo Branco (em que quase metade da sua votação foi inútil) e Faro (em que um terço dos votos foram em vão).

Para compensar, o PPD/PSD aproveitou todos os votos em Braga, Bragança, Guarda, Leiria, Porto, Açores, Europa e Fora da Europa.

4.2.3 CDU

Os votos de 124.688 eleitores da CDU (28,78%) não elegeram qualquer deputado.

O maior número de votos inúteis na coligação PCP-PEV ocorreu em Setúbal, curiosamente um dos círculos onde, em 2002, a CDU teve menor desperdício.

Mais satisfeitos terão saído os votantes da CDU nos círculos alentejanos de Évora e Beja, onde não se registou um único voto inútil nesta força partidária.

4.2.4 CDS-PP

Tal como em 2002, o CDS-PP voltou a ter mais de 150.000 votos inúteis nas Legislativas 2005. Desta vez foram 160.152, o que representa 38,46% dos votos nos democratas-cristãos.

O CDS-PP só não teve votos inúteis em Setúbal, Viana do Castelo e Viseu – círculos onde conquistou o último mandato disponível.

Porém, não teve sorte idêntica no Porto (22.427 votos inúteis), em Aveiro (18.006 votos em vão, quase metade da votação) e em Santarém (onde recebeu 17.607 votos para nada).

4.2.5 BE

No total o BE recebeu 184.096 votos inúteis, sendo o partido mais prejudicado na conversão de votos em mandatos. Significa isto que se perderam mais de metade dos sufrágios nos bloquistas, sendo vários os círculos em que o partido obteve mais de 15.000 votos mas não elegeu ninguém.

Se excluirmos o círculo de Fora da Europa, onde o número de votantes foi irrisório, o menor número de votos inúteis no BE ocorreu em Setúbal (496), curiosamente o círculo em que há três anos os bloquistas obtiveram o maior desperdício (18.213), falhando por pouco a eleição de Fernando Rosas.

Desta vez coube a Andrea Peniche (Aveiro) e Pedro Soares (Braga) ficarem à beira da eleição, o que levou à inutilidade de 19.846 e 22.179 votos, respectivamente. Também dignos de destaque são os votos inúteis dos bloquistas em Coimbra, Faro e Santarém (todos acima de 15.000 e sem quaisquer efeitos práticos) e os 20.515 no círculo do Porto.

4.2.6 PCTP/MRPP, PND, PH, PNR, POUS e PDA

Uma vez que não elegeram qualquer deputado para a Assembleia da República, os outros seis partidos que se apresentaram a eleições tiveram 100% de votos inúteis, pois o Parlamento teria a mesma configuração ainda que eles não tivessem participado.

5. Aproveitar melhor os votos

A inutilidade de milhares de votos é usual em sistemas de democracia representativa, em virtude dos métodos de conversão dos votos em mandatos. No entanto, o facto de Portugal ter o universo eleitoral dividido em 22 círculos exponencia a quantidade de votos inúteis.

Como já foi dito em 2.4, é possível aproveitar melhor os votos depositados pelos cidadãos e, ao mesmo tempo, corrigir as distorções de proporcionalidade entre círculos referidas em 2.1. Basta instituir um círculo nacional com um número fixo de mandatos.

Porém, a opção por um círculo nacional desequilibraria o sistema eleitoral a favor da proporcionalidade e em detrimento da governabilidade do país. Além disso, a substituição dos actuais círculos por um círculo nacional único correria o risco de afastar mais eleitores e eleitos, ao quebrar laços de proximidade. Como combater então estes efeitos secundários?

5.1 Activar os círculos uninominais

Uma solução há muito apontada como capaz de aproximar eleitores e eleitos é a dos círculos uninominais, circunscrições em que o eleitor vota num determinado candidato em vez de votar numa lista composta por vários nomes (plurinominal). Essa opção está prevista na lei desde 1997, mas nunca foi posta em prática.

Assim, o ideal seria Portugal passar a ter um sistema misto, em que o círculo nacional plurinominal fosse complementado por círculos parciais uninominais. Estes últimos poderiam ser coincidentes com os actuais círculos, representando um elemento de continuidade que permitiria uma melhor adaptação dos eleitores à nova forma de eleição.

Além disso, os círculos uninominais corrigiriam a proporcionalidade pura do círculo nacional, aumentando a governabilidade do sistema.

5.2 O duplo voto

Num sistema misto, o eleitor passaria a ter direito a dois votos: um no círculo nacional, pelo qual se apresentariam as listas plurinominais dos vários partidos, e outro no círculo uninominal, pelo qual concorreriam candidatos em nome próprio.

Seria importante que, tal como acontece para as eleições autárquicas, pudessem concorrer aos círculos uninominais grupos de cidadãos eleitores. Mas tal implica alterações à Constituição, as quais, embora não sendo de grande monta, teriam de esperar pela próxima revisão da lei máxima, que deverá acontecer lá para 2009.

5.3 Uma proposta concreta

Resolvida que está a questão da ponderação da governabilidade, da proporcionalidade e da representatividade, passemos à proposta concreta.

Proponho a criação de um círculo nacional de grande dimensão, que eleja 161 deputados, e a instauração de 22 círculos uninominais – coincidentes com os actuais círculos de eleição – que elejam 44 deputados (dois por cada círculo).

Fazendo uma simulação com os valores das Legislativas 2005, a configuração parlamentar resultante do sistema que proponho seria mais próxima da vontade expressa pelos portugueses nas urnas, como o confirmam as menores variações percentuais na conversão de votos em mandatos.

Além disso, o pluralismo parlamentar aumentaria, ao ser dada representação a mais dois partidos: neste caso, o PND e o PCTP/MRPP. Seguem abaixo as tabelas comparativas.

VARIAÇÃO COM O SISTEMA ACTUAL					
	Votos	% Votos	Mandatos	% Mandatos	Varição
PS	2.588.312	46,4%	121	52,61%	+6,21%
PPD/PSD	1.653.261	29,64%	75	32,61%	+2,97%
CDU	433.243	7,77%	14	6,09%	-1,68%
CDS-PP	416.415	7,46%	12	5,22%	-2,24%
BE	364.909	6,54%	8	3,48%	-3,06%
PCTP/MRPP	48.186	0,86%	0	0	-0,86%
PND	40.358	0,72%	0	0	-0,72%
PH	17.182	0,31%	0	0	-0,31%
PNR	9.374	0,17%	0	0	-0,17%
POUS	5.535	0,1%	0	0	-0,1%
PDA	1.618	0,03%	0	0	-0,03%
TOTAL	5.578.393	100%	230	100%	-

VARIAÇÃO COM O SISTEMA PROPOSTO					
	Votos	% Votos	Mandatos	% Mandatos	Varição
PS	2.588.312	46,4%	98 *	47,8%	+1,4%
PPD/PSD	1.653.261	29,64%	68 *	33,17%	+3,53%
CDU	433.243	7,77%	15 *	7,32%	-0,45%
CDS-PP	416.415	7,46%	12	5,85%	-1,61%
BE	364.909	6,54%	10	4,88%	-1,66%
PCTP/MRPP	48.186	0,86%	1	0,49%	-0,37%
PND	40.358	0,72%	1	0,49%	-0,23%
PH	17.182	0,31%	0	0	-0,31%
PNR	9.374	0,17%	0	0	-0,17%
POUS	5.535	0,1%	0	0	-0,1%
PDA	1.618	0,03%	0	0	-0,03%
TOTAL	5.578.393	100%	205	100%	-

* Na impossibilidade de simular os resultados dos círculos uninominais, atribuí um deputado a cada um dos dois partidos mais votados em cada círculo. Deste modo, o PS recebeu mais 22 mandatos, o PSD 19 e a CDU 3.

5.4 Porquê reduzir o número de deputados?

Quando tanto se fala na necessidade de reduzir a despesa pública, o Parlamento poderia dar o exemplo, diminuindo em 25 o número de deputados. O hemiciclo passaria então a contar com 205 deputados, valor que fica exactamente a meio entre os 180 e os 230 mandatos legalmente estabelecidos, o que, por ser número ímpar, tem a vantagem de impedir a reedição de empates técnicos como o de 1999 (com 115 deputados para o PS e 115 para os restantes partidos).

5.5 Porquê um círculo nacional de grande dimensão?

A razão pela qual defendo um círculo nacional de grande dimensão prende-se com as vantagens óbvias que este traria: maior pluralismo e maior proporcionalidade.

No que diz respeito ao pluralismo, e apesar do número de deputados ser inferior, partidos como o PCTP/MRPP e o PND teriam direito a um representante no sistema que proponho.

Afinal, o PCTP/MRPP obteve 48.186 votos, mais do que aqueles que deram ao BE dois deputados por Setúbal, enquanto o PND conquistou 40.358, uma votação superior àquela com que o PS elegeu dois parlamentares por Portalegre. Será justo os eleitores destes dois partidos não estarem representados na Assembleia da República só porque estão dispersos pelo país?

Depois temos a questão da proporcionalidade. Comparando as variações dos dois sistemas, aquele que defendo revela-se mais proporcional do que o actual, pois não favorece tanto os partidos mais votados e prejudica menos os partidos com menor votação.

Caso se optasse por um círculo nacional de pequena ou média dimensão, como já se tem falado, a presença dos grandes partidos seria inflacionada e o peso dos mais pequenos diminuído, o que colocaria em causa tanto o pluralismo como a proporcionalidade. Por isso considero que, a ser criado um círculo nacional, este só faz sentido se for de grande dimensão.

5.6 Porquê 22 círculos uninominais de dois deputados cada?

Dois deputados é o mínimo que cada um dos actuais círculos plurinominais elege, pelo que seria também a base de eleição dos círculos uninominais no sistema proposto, até para ir ao encontro de acórdãos do Tribunal Constitucional que defendem os dois mandatos como mínimo num sistema proporcional.

Ao atribuir um número igual de mandatos aos 22 círculos uninominais, estar-se-ia a tomar uma posição política de discriminação positiva do interior. O que não estaria errado se tivermos em conta que, para contrabalançar, a concentração da maior parte dos eleitores no litoral dará a estes um maior peso na definição dos deputados do círculo nacional.

5.7 Duas classes de deputados

A existência de um sistema misto acarreta o risco de se criarem duas classes de deputados, «a daqueles que ganharam sozinhos e a daqueles que ganharam no rebanho», como disse Miguel Galvão Teles na sua audiência perante a Comissão Eventual para a Reforma do Sistema Político.

Mas isso seria uma questão corporativa, que até se rebateria facilmente com o argumento de que todos são deputados da nação, independentemente do círculo por que foram eleitos.

Na relação entre eleitos e eleitores, a existência de círculos uninominais contribuiria para tornar mais claro que as eleições legislativas não são “eleições para o primeiro-ministro”, mas antes eleições de deputados, o que daria maior dignidade e visibilidade ao cargo.

A este propósito, é de recordar que durante a campanha de 2005 a CDU de Viseu chegou a oferecer um chocolate a quem dissesse o nome de três deputados eleitos pelo distrito... e não entregou muitos. Isto porque grande parte dos eleitores vota pensando nos líderes nacionais dos vários partidos e desconhece as pessoas que está realmente a eleger.

5.8 Recuperar milhares de votos inúteis

A aproximação entre eleitores e eleitos seria ainda mais reforçada quando os primeiros se apercebessem de que o duplo voto aumenta as hipóteses de verem as suas escolhas reflectidas na AR, e de que um círculo nacional aproveita melhor todos os votos válidos.

Isto faz-nos voltar à questão dos votos inúteis, que com o sistema actual ascenderam a 881.990 votos (15,81%) nas Legislativas 2005. Fazendo uma simulação do círculo nacional do sistema proposto, vemos que os votos inúteis diminuiriam para 122.175 (2,19%), o que representa o aproveitamento de 759.815 votos dos eleitores portugueses!

VOTOS INÚTEIS NO CÍRCULO NACIONAL PROPOSTO				
	Votos	Mandatos	Votos Inúteis	% Votos Inúteis
PS	2.588.312	76	24.070	0,93%
PPD/PSD	1.653.261	49	0	0%
CDU	433.243	12	28.362	6,55%
CDS-PP	416.415	12	11.534	2,77%
BE	364.909	10	27.508	7,54%
PCTP/MRPP	48.186	1	14.445	29,98%
PND	40.358	1	6.617	16,4%
PH	17.182	0	17.182	100%
PNR	9.374	0	9.374	100%
POUS	5.535	0	5.535	100%
PDA	1.618	0	1.618	100%
TOTAL	5.578.393	161	122.175	2,19%

5.9 Incentivar a participação eleitoral e o voto sincero

Além do melhor aproveitamento dos votos, a implementação de um círculo nacional poderá contribuir para a diminuir a abstenção, por representar um incentivo ao voto sincero.

Por exemplo, os actuais três mandatos de Beja são disputados por PS, CDU e, com grande esforço, pelo PSD. Os simpatizantes de outros partidos sabem de antemão que não têm grandes hipóteses no Baixo Alentejo. O mesmo se passa em Viseu, em que os nove mandatos são invariavelmente distribuídos por PS, PSD e CDS-PP.

Ora, perante este constrangimento, alguns eleitores optam por votar estrategicamente num desses três partidos, enquanto outros nem sequer se sentem motivados para votar. Poucos são aqueles que, por militância, por desconhecimento da lógica do sistema ou por esperança numa mudança no seu círculo, votam em forças que não aquelas com hipóteses de eleger deputados.

Este comportamento eleitoral é evidente nos círculos da Emigração e noutros círculos de pequena dimensão. Basta comparar as percentagens dos dois ou três partidos mais votados com as dos restantes.

Com a existência de um círculo nacional este constrangimento acabaria, promovendo o voto sincero em detrimento do voto estratégico e incentivando a participação eleitoral.

6. Um outro sistema eleitoral é possível

Resumindo, o sistema que proponho instituiria um círculo nacional de 161 deputados e 22 círculos uninominais de dois deputados cada, coincidentes com os círculos actuais.

Uma mudança neste sentido teria a vantagem de aproveitar melhor os votos dos cidadãos e, consequentemente, aumentar o pluralismo na Assembleia da República e levar o Parlamento a reflectir de forma mais fidedigna a sociedade portuguesa.

Tudo isto ao mesmo tempo que se reduzia o número de deputados para 205, se promovia uma maior igualdade de voto entre eleitores de todo o país e se acabava com a necessidade de recorrer a cadernos eleitorais assombrados por “fantasmas” para distribuir os mandatos *a priori*, prática que tem contribuído para injustiças flagrantes entre círculos eleitorais.

A governabilidade do país não seria posta em causa, pois os círculos uninominais – que seriam finalmente postos à prova como forma de aproximação entre eleitores e eleitos – serviriam como medida correctiva da proporcionalidade pura de um círculo nacional.

Para ser colocado em prática, este sistema apenas necessita de vontade política, dado que nem sequer é necessário fazer alterações à Constituição, o que só seria preciso se se quisesse levar o sistema mais além e abrir os círculos uninominais a grupos de cidadãos eleitores, como já acontece nas eleições autárquicas.